

De Democracia e Liberdade de Expressão

Luís Mauro Ferreira Gomes

20 de julho de 2011

Vivemos, no Brasil – que alguns ingênuos ainda insistem em pensar que é uma democracia – uma situação esdrúxula, em que existem duas categorias de cidadãos.

Os de primeira classe – os integrantes do governo, de sua base aliada ou, simplesmente, os seus militantes ideológicos – estão acima das Leis. Podem delinquir à vontade, podem desviar dinheiro público; roubar; corromper; chantagear; invadir e depredar propriedades públicas e privadas; manter pessoas em cárcere privado; e, até mesmo, quem sabe, matar algumas delas, sem que nada lhes aconteça. Contra estes, nada se investiga, nada se apura, tudo se ignora e arquiva. Talvez, no máximo, percam os cargos que ocupam, para, algum tempo depois, serem reabilitados e ganharem outros. A Constituição e as Leis não têm imposto limites a ninguém, nem mesmo aos presidentes da república, que cometem crimes de responsabilidade reiteradamente, sem que ninguém os ouse denunciar. Processá-los, nem pensar!

Os outros – particularmente aqueles que, de alguma forma, contrariam os interesses dos governantes, geralmente escusos – estão sujeitos a toda sorte de arbitrariedades: execração pública; quebra criminosa de sigilos; acusações sem comprovação, que se transformam em prisões pirotécnicas, com direito a algemas, transmissão por televisão e, às vezes, processos. Mas tudo isso desaparece, se a vítima desiste de resistir e submete-se à vontade imperial contrariada ou – se político com influência no Congresso – passa a integrar a conivente “base aliada”.

Nesse contexto, outra grande vítima é a liberdade de expressão. Quem propala os chavões ideológicos da “verdade” oficial tem todas as facilidades e não sofre qualquer restrição. Não só os ministros, mas qualquer de seus “aspones” dá declarações falsas e ofensivas a quem quer discorde de suas posições. Para eles, há toda a liberdade de expressão do mundo.

Com grande freqüência, os alvos de injúria, difamação e calúnia são os militares, que, ao contrário, não se podem manifestar. Condenados ao silêncio, nem mesmo os Comandantes das Forças podem falar por elas, ficando o discurso todo a cargo do ministro da defesa, que, sabidamente, é o menos indicado para fazê-lo.

As dificuldades de quem pretende escrever sobre a grave crise política que nos acomete são enormes.

Muitos amigos têm-nos perguntado por que não escrevemos mais artigos como a frequência de antigamente. Continuamos a escrevê-los, mas raras vezes são publicados.

Paradoxalmente, quem nos limita diretamente não são aqueles cujas ações criticamos. Aos meios de comunicação controlados por eles, aí incluída a grande imprensa, não temos mesmo a menor possibilidade de acesso. Quem nos restringe são justamente aqueles poucos jornais e revistas cujos leitores têm total afinidade com o que defendemos.

Não temos vergonha do passado nem ambição no futuro. Sempre fizemos o que julgávamos ser o nosso dever, independentemente de quanto isso nos pudesse ser penoso, e a única motivação que nos anima hoje é a defesa da nossa Pátria, contra tudo o que a ameace, como juramos fazer.

Tristemente, ao contrário dos nossos oponentes, muitos de nós são excessivamente tolerantes com o universo antagônico e implacáveis com os amigos. Parece muito mais prático, confortável e seguro.

Mas ninguém precisa ter lido Sun Tsu ou qualquer outro pensador militar para saber que, quem não consegue ver a diferença entre amigo e inimigo perderá todas as guerras.

Observações:

- 1. Escrito para a Adesg;**
- 2. O autor é Coronel-Aviador reformado e, atualmente, Vice-Presidente da Academia Brasileira de Defesa;**
- 3. As matérias assinadas são de responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, o pensamento da ABD.**